

EUA buscam retomada das exportações para América do Sul

Fabrice Coffrini/AFP

Encontro deve marcar reaproximação nas relações bilaterais entre brasileiros e americanos

Bárbara Ladeia
bladeia@brasileconomico.com.br

Iniciativa do próprio presidente americano, a visita de Barack Obama ao Brasil sinaliza a busca pela abertura do diálogo com a presidente Dilma Rousseff, após um período de distanciamento nas relações bilaterais entre os dois países. A oportunidade deste encontro é vista como um progresso na política externa brasileira e traz expectativas positivas para avanços na negociação de acordos — vários deles relacionados ao comércio de produtos agrícolas — entre Brasil e Estados Unidos.

“A vinda de Obama é uma sinalização de que os Estados Unidos tiveram interesse em repensar o papel do Brasil como principal parceiro comercial na América do Sul”, diz o ex-embaixador Rubens Barbosa, que atuou na embaixada brasileira de Washington entre 1999 e 2004. Segundo ele, mais do que o fechamento de acordos imediatos, a visita é positiva por trazer novas possibilidades de negociações no médio e longo prazos.

“O maior objetivo do encontro é econômico, especialmente como forma de enfrentar a influência chinesa na região”, afirma Barbosa. Na visão do diplomata, o afastamento que os Estados Unidos tiveram da América do Sul, com destaque para o Brasil, abriu precedente para a atuação mais enfática da China na região. Os americanos buscam retomar esse espaço de comércio como forma de se recuperarem economicamente da crise financeira.

A decisão de Dilma Rousseff de adotar um discurso de defesa dos direitos humanos, entre outros pontos relacionados, somada à escolha de um chanceler mais próximo à política americana foram fortes indicativos de mudança na política externa nacional — um movimento que será sacramentado com a visita do chefe de estado. Do lado americano, a presença de toda a equipe econômica do governo na expedição ao Brasil sinaliza o rumo do encontro: a pauta deve ser em sua essência comercial, com o objetivo de ampliar as exportações dos EUA para o mercado brasileiro.

Avanço político

O sociólogo Demétrio Magnoli, do Grupo de Análises de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (USP), acredita que, do ponto de vista político, a mudança de perspec-

Vinda da secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, à posse de Dilma Rousseff no início do ano deu início ao processo de reaproximação entre os dois países



Murillo Constantino



Rubens Barbosa
Ex-embaixador brasileiro em Washington

“O maior objetivo do encontro é econômico, especialmente como forma de enfrentar a influência chinesa na região”

tiva pode agregar elementos positivos à relação entre os dois países. “Receberemos Obama após um ano e meio de negativas dos Estados Unidos a um pedido de visita do governo brasileiro”, diz. “Essa foi a forma que eles encontraram de mandar um recado simbólico e extremamente eloquente.”

No entanto, Magnoli pontua que o evento levanta grande potencial de controvérsias dentro do governo, envolvendo até mesmo diplomatas que não concordariam com a vinda do presidente dos EUA. Pessoalmente, o sociólogo não espera muito do encontro: “Vão trocar declarações de amor mútuo, assinar uma série de acordos de pouca relevância e só”.

A visita será o primeiro grande evento do Itamaraty sob a regência de Antonio Patriota, atual chanceler e ex-embaixador nos Estados Unidos. O órgão deverá tentar mostrar uma postura diferente após oito anos de mandato de Celso Amorim, nos quais esteve diante de posicionamentos polêmicos nas relações exteriores. ■

COMÉRCIO

Energia e infraestrutura são prioridades

Em sua passagem por Brasília, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, além de cumprir a agenda política, deverá ter encontros com representantes da iniciativa privada. Segundo informações Câmara Americana de Comércio (Amcham), Obama será palestrante em um evento para cerca de 60 empresas brasileiras e americanas de diversos segmentos. O destaque fica para as áreas de infraestrutura e energia, segundo o diretor para políticas públicas da Câmara, Diego Bonomo. “O setor privado dos Estados Unidos tem um foco especial em promoção de negócios nessas áreas no momento”. Os episódios envolvendo a tragédia no Japão e a crise no Oriente Médio também aceleram os interesses americanos no Brasil. “O incidente nos países árabes elevou a relevância do pré-sal para os Estados Unidos. O Brasil tem um custo político

bastante inferior”, afirma o diretor-presidente da Amcham, Gabriel Rico. “Os subsídios ao etanol de milho são uma aberração comercial. Esse é o momento importante para o Brasil exercer a mão dupla do comércio. Oferecer o seu mercado e pedir, como moeda de troca, o fim desses subsídios ao etanol americano”, completa. Outra aposta é incentivar a participação americana em projetos relacionados à Copa do Mundo e aos Jogos Olímpicos, à implantação da segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e à Política Nacional de Mudança do Clima. Para isso, integra a comitiva que acompanhará o presidente americano o representante do Eximbank, Fred Hochberg, presidente da instituição que tem função de fomento semelhante à do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no Brasil. **B.L.**